

IRENE VALLEJO

# O INFINITO NUM JUNCO

Tradução de

RITA CUSTÓDIO E ÀLEX TARRADELLAS



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2020

## A cidade dos prazeres e dos livros

### 1

A mulher do mercador, jovem e aborrecida, dorme sozinha. Há dez meses que ele zarpou da ilha mediterrânica de Cós rumo ao Egito e desde então não lhe chegou nem uma carta do país do Nilo. Ela tem dezassete anos, ainda não deu à luz e não suporta a monotonia da vida afastada no gineceu, à espera de acontecimentos, sem sair de casa para evitar falatórios. Não há muito que fazer. No início achava divertido tyrannizar as escravas, mas isso não é suficiente para preencher os seus dias. Por isso alegra-se quando recebe as visitas de outras mulheres. Não importa quem bata à porta, precisa desesperadamente de se distrair para atenuar o peso de chumbo das horas.

Uma escrava anuncia a chegada da idosa Gílide. A mulher do mercador promete a si própria um momento de diversão: a sua velha ama de leite é desbocada e diz obscenidades com muita graça.

— Querida Gílide! Há meses que não vinhas à minha casa.

— Sabes que vivo longe, minha filha, e já tenho menos forças do que uma mosca.

— Bem... bem... — diz a mulher do mercador —, pelo menos ainda tens força para dar um bom abraço a mais de um.

— Goza, goza! — responde Gílide. — Isso fica para vocês, que são novas.

Com um sorriso malicioso, com preâmbulos astutos, a idosa desembucha finalmente aquilo que a levou até ali. Um jovem forte e bonito que ganhou duas vezes o prémio de luta nos Jogos Olímpicos reparou na mulher do mercador, consome-se de desejo por ela e quer ser seu amante.

— Não te zangues e ouve a proposta. Tem o agulhão da paixão cravado na carne. Permite-te uma alegria com ele. Vais ficar aqui, a aquecer a cadeira? — pergunta Gílide, tentadora. — Quando te aperceberes, terás envelhecido e as cinzas terão devorado o teu vigor.

— Cala-te, cala-te...

— E a que é que se dedica o teu marido no Egito? Não te escreve, esqueceu-te, e de certeza que já molhou os lábios noutra copo.

Para vencer a última resistência da rapariga, Gílide descreve com lábia tudo o que o Egito, e especialmente Alexandria, oferecem ao marido afastado e ingrato: riquezas, o encanto de um clima sempre quente e sensual, ginásios, espetáculos, manadas de filósofos, livros, ouro, vinho, adolescentes e tantas mulheres atraentes como estrelas a brilhar no céu.

Traduzi livremente o início de uma breve peça de teatro grega escrita no século III a. C. com um intenso aroma de vida quotidiana. Pequenas obras como esta provavelmente não eram representadas, exceto algum tipo de leitura dramatizada. Humorísticas, às vezes picarescas, abrem janelas para um mundo proscrito de escravos açoitados e amos cruéis, proxenetas, mães à beira do desespero por causa dos seus filhos adolescentes, ou mulheres sexualmente insatisfeitas. Gílide é uma das primeiras alcoviteiras da história da literatura, uma bisbilhoteira profissional que conhece os segredos do ofício e aponta, sem hesitar, para o resquício mais frágil das suas vítimas: o medo universal de envelhecer. Porém, apesar do seu cruel talento, desta vez, Gílide fracassa. O diálogo acaba com os insultos carinhosos da rapariga, que é fiel ao seu marido ausente, ou talvez não queira correr os terríveis riscos do adultério. «Perdeste a cabeça?», pergunta a mulher do mercador a Gílide, mas, por outro lado, consola-a oferecendo-lhe um copo de vinho.

Juntamente com o humor e o tom fresco, o texto é interessante porque nos mostra a visão que as pessoas comuns tinham da Alexandria da sua época: a cidade dos prazeres e dos livros; a capital do sexo e da palavra.

## 2

A lenda de Alexandria não parou de crescer. Dois séculos depois de se escrever o diálogo de Gílide e da rapariga tentada, Alexandria

foi o cenário de um dos maiores mitos eróticos de todos os tempos: a história de amor entre Cleópatra e Marco Antônio.

Roma, que naquela altura se tinha convertido no centro do maior império mediterrânico, ainda era um labirinto de ruas tortuosas, escuras e enlameadas quando Marco Antônio desembarcou pela primeira vez em Alexandria. De repente, viu-se transportado para uma cidade embriagadora cujos palácios, templos, amplas avenidas e monumentos irradiavam grandeza. Os romanos sentiam-se seguros do seu poder militar e donos do futuro, mas não podiam competir com a sedução de um passado esplendoroso e do luxo decadente. Com uma mistura de excitação, orgulho e cálculos táticos, o poderoso general e a última rainha do Egito construíram uma aliança política e sexual que escandalizou os romanos tradicionais. Para maior provocação, dizia-se que Marco Antônio ia transferir a capital do império de Roma para Alexandria. Se o casal tivesse vencido a guerra pelo controlo do Império Romano, hoje talvez nós, os turistas, fôssemos em manadas ao Egito para tirarmos fotografias na Cidade Eterna, com o seu Coliseu e os seus fóruns.

Tal como a sua cidade, Cleópatra encarna essa peculiar fusão de cultura e sensualidade alexandrina. Plutarco diz que, na verdade, Cleópatra não era de uma grande beleza. As pessoas não paravam de repente na rua para olhar para ela. Mas, pelo contrário, o que atraía nela era a inteligência e o paleio. O timbre da sua voz possuía tal doçura que deixava um agulhão cravado em quem a ouvisse. E a sua língua, continua o historiador, acomodava-se ao idioma que quisesse como um instrumento musical de muitas cordas. Era capaz de falar sem intérpretes com etíopes, hebreus, árabes, sírios, medos e partos. Astuta, bem informada, ganhou vários assaltos no combate pelo poder dentro e fora do seu país, embora tenha perdido a batalha decisiva. O seu problema é que só falaram dela desde o bando inimigo.

Nesta história tempestuosa os livros também têm um papel importante. Quando Marco Antônio julgava estar prestes a governar o mundo, quis deslumbrar Cleópatra com um presente. Sabia que o ouro, as joias ou os banquetes não conseguiriam acender uma luz de assombro nos olhos da sua amante, porque ela se tinha habituado a esbanjá-los diariamente. Certa vez, durante uma madrugada alcoólica, num gesto de ostentação provocadora, ela dissolveu uma pérola de tamanho fabuloso em vinagre e bebeu-a. Por isso, Marco Antônio escolheu um presente

do qual Cleópatra não poderia desdenhar com um ar aborrecido: pôs aos seus pés duzentos mil volumes para a Grande Biblioteca. Em Alexandria, os livros eram combustível para as paixões.

Dois escritores falecidos durante o século xx converteram-se nos nossos guias pelos segredos da cidade, acrescentando camadas de pátina ao mito de Alexandria. Konstantinos Kaváfis era um obscuro funcionário de origem grega que trabalhou, sem nunca ascender, para a Administração britânica no Egito, na secção de Rega do Ministério das Obras Públicas. À noite mergulhava num mundo de prazeres, gente cosmopolita e má vida internacional. Conhecia como a palma da sua mão o dédalo de bordéis alexandrinos, único refúgio para a sua homossexualidade «proibida e severamente desprezada por todos», como ele próprio escreveu. Kaváfis era um leitor apaixonado dos clássicos e poeta quase em segredo.

Nos seus poemas mais conhecidos hoje em dia revivem as personagens reais e fictícias que povoavam Ítaca, Troia, Atenas ou Bizâncio. Aparentemente mais pessoais, outros poemas esgaravatam, entre a ironia e a rutura, na sua própria experiência de maturidade: a nostalgia da sua juventude, a aprendizagem do prazer ou a angústia pela passagem do tempo. A diferenciação temática é, na verdade, artificial. O passado lido e imaginado emocionava Kaváfis tanto como as suas recordações. Quando deambulava por Alexandria, via a cidade ausente palpitar sob a cidade real. Embora a Grande Biblioteca tivesse desaparecido, os seus ecos, sussurros e cochichos continuavam a vibrar na atmosfera. Para Kaváfis, aquela grande comunidade de fantasmas tornava habitáveis as frias ruas por onde rondam, solitários e atormentados, os vivos.

As personagens de *O Quarteto de Alexandria*, Justine, Darley e, sobretudo, Balthazar, que diz tê-lo conhecido, recordam constantemente Kaváfis, «o velho poeta da cidade». Por sua vez, os quatro romances de Lawrence Durrell, um desses ingleses asfíxiados pelo puritanismo e pelo clima do seu país, ampliam a ressonância erótica e literária do mito alexandrino. Durrell conheceu a cidade nos anos turbulentos da Segunda Guerra Mundial, quando o Egito estava ocupado pelas tropas britânicas e era um ninho de espionagem, conspirações e, como sempre, prazeres. Ninguém descreveu com mais precisão as cores e sensações físicas que Alexandria despertava. O silêncio esmagador

e o céu alto do verão. Os dias abrasadores. O luminoso azul do mar, os molhes, a ribeira amarela. No interior, o lago Mareóti, que às vezes aparece desfocado como uma miragem. Entre as águas do porto e do lago, inúmeras ruas onde se aglomeram o pó, os mendigos e as moscas. Palmeiras, hotéis de luxo, haxixe, embriaguez. O ar seco carregado de eletricidade. Entardeceres cor de limão e violeta. Cinco raças, cinco línguas, uma dúzia de religiões, o reflexo de cinco frotas na água gordurosa. Em Alexandria, escreve Durrell, a carne acorda e sente as grades da prisão.

A Segunda Guerra Mundial arrasou a cidade. No último romance de *O Quarteto de Alexandria*, Clea descreve uma paisagem melancólica. Os tanques encalhados nas praias como esqueletos de dinossauros, os grandes canhões como árvores caídas de um bosque petrificado, os beduínos extraviados entre as minas explosivas. A cidade, que sempre foi perversa, agora parece um enorme urinol público — conclui. Lawrence Durrell nunca voltou a Alexandria após 1952. As milenares comunidades judaica e grega fugiram depois da guerra do Canal de Suez, o fim de uma época no Médio Oriente. Viajantes que regressem da cidade contam-me que a cidade cosmopolita e sensual emigrou para a memória dos livros.

## Alexandre: o mundo nunca é suficiente

### 3

Não há apenas uma Alexandria. Um rasto de cidades com esse nome denuncia a rota de Alexandre, *o Grande*, desde a Turquia até ao rio Indo. As diferentes línguas desfiguraram o som original, mas às vezes ainda se distingue a longínqua melodia. Alexandreta, Iskenderun em turco. Alexandria de Carmânia, atual Quermã, no Irão. Alexandria de Margiana, agora Merv, no Turquemenistão. Alexandria Eschate, que se poderia traduzir como Alexandria no Fim do Mundo, hoje Khujand no Tajiquistão. Alexandria Bucéfala, a cidade fundada em memória do cavalo que tinha acompanhado Alexandre desde pequeno, depois chamada Jalalpur Sharif, no Paquistão. A Guerra do Afeganistão familiarizou-nos com outras Alexandrias antigas: Bagram, Herāt, Kandahar.

Plutarco conta que Alexandre fundou setenta cidades. Queria assinalar a sua passagem, como essas crianças que pintam o seu nome nas paredes ou nas portas das casas de banho públicas («Eu estive aqui», «Eu venci aqui»). O atlas é o extenso muro onde o conquistador inscreveu várias vezes a sua recordação.

O impulso que movia Alexandre, o motivo da sua energia transbordante, capaz de lançá-lo para uma expedição de conquista de 25 000 quilómetros, era a sede de fama e de admiração. Acreditava profundamente nas lendas dos heróis; aliás, vivia e competia com eles. Tinha uma ligação obsessiva com a personagem de Aquiles, o guerreiro mais poderoso e temido da mitologia grega. Tinha-o escolhido em pequeno, quando o seu professor Aristóteles lhe mostrou os poemas homéricos e sonhava ser parecido com ele. Sentia a mesma admiração apaixonada por ele do que os rapazes de hoje em dia pelos seus ídolos desportivos. Contam que Alexandre dormia sempre com o seu exemplar da *Iliada* e uma adaga debaixo da almofada. A imagem faz-nos sorrir, pensamos no rapaz que adormece com a caderneta de cromos aberta na cama e sonha que ganha um campeonato entre a gritaria encolerizada do público.

Mas Alexandre tornou realidade as suas fantasias de sucesso mais desenfreadas. O historial das suas conquistas, conseguidas em apenas oito anos — Anatólia, Pérsia, Egito, Ásia Central, Índia —, catapultou-o para o topo das façanhas bélicas. Em comparação com ele, Aquiles, que perdeu a vida no cerco de uma única cidade que durou dez anos, parece um vulgar principiante.

A Alexandria do Egito nasceu, como não podia deixar de ser, de um sonho literário, de um sussurro homérico. Quando estava a dormir, Alexandre sentiu um idoso de cabelo grisalho a aproximar-se. Ao chegar ao seu lado, o misterioso desconhecido recitou uns versos da *Odisseia* que falavam de uma ilha chamada Faro, rodeada pela sonora ondulação do mar, em frente da costa egípcia. A ilha existia, estava situada nas proximidades da planície aluvial onde o delta do Nilo se funde com as águas do Mediterrâneo. Alexandre, segundo a lógica daqueles tempos, acreditou que a sua visão era um presságio e fundou nesse lugar a cidade predestinada.

Pareceu-lhe um lugar muito bonito. Ali, o deserto de areia tocava no deserto de água, duas paisagens solitárias, imensas, mutáveis,

esculpidas pelo vento. Ele próprio desenhou com farinha o traçado exterior em forma de retângulo quase perfeito, mostrando onde se devia construir a praça pública, que deuses deveriam ter templo e por onde passaria o perímetro da muralha. Com o tempo, a pequena ilha de Faro ficaria unida ao delta com um comprido dique e albergaria uma das sete maravilhas do mundo.

Quando começaram a construir, Alexandre continuou a sua viagem, deixando uma pequena população de gregos, de judeus e de pastores que, durante muito tempo, tinham vivido nas aldeias dos arredores. Os nativos egípcios, segundo a lógica colonial de todas as épocas, foram incluídos como cidadãos de estatuto inferior.

Alexandre não voltaria a ver a cidade. Menos de uma década mais tarde, o seu cadáver regressaria. Mas em 331 a. C., quando fundou Alexandria, tinha vinte e quatro anos e sentia-se invencível.

#### 4

Era jovem e implacável. A caminho do Egito, tinha vencido duas vezes seguidas o Exército do rei dos reis persa. Apoderou-se da Turquia e da Síria, declarando que as libertava do jugo persa. Conquistou a faixa da Palestina e a Fenícia; todas as cidades se renderam a ele sem oferecerem resistência, exceto duas: Tiro e Gaza. Quando caíram, depois de estarem sitiadas durante sete meses, o libertador aplicou-lhes um castigo brutal. Os últimos sobreviventes foram crucificados ao longo da costa — uma fileira de dois mil corpos a agonizarem ao pé do mar. Venderam as mulheres e as crianças como escravos. Alexandre mandou atar o governador da torturada Gaza a uma carroça e arrastá-lo até morrer, tal como o corpo de Heitor na *Iliada*. Provavelmente, gostava de pensar que estava a viver o seu próprio poema épico e, de vez em quando, imitava algum gesto, algum símbolo, alguma crueldade lendária.

Outras vezes, parecia-lhe mais heroico ser generoso com os vencidos. Quando capturou a família do rei persa Dario III, respeitou as mulheres e não as usou como reféns. Ordenou que continuassem vivas sem que as incomodassem nos seus próprios alojamentos, conservando as suas roupas e joias. Também lhes permitiu enterrarem os seus mortos caídos na batalha.



Ao entrar no pavilhão de Dario III viu ouro, prata, alabastro, sentiu o cheiro fragrante da mirra e os aromas, o adorno de tapetes, de mesas e aparadores, uma abundância que não tinha conhecido na corte provinciana da sua Macedónia natal. Comentou com os amigos: «Nisto consistia, pelo que parece, reinar.» Então apresentaram-lhe um cofre, o objeto mais valioso e excepcional da bagagem de Dario III. «O que é que pode ser tão valioso que tenha de ser guardado aqui?», perguntou aos seus homens. Cada um fez as suas sugestões: dinheiro, joias, essências, especiarias, troféus de guerra. Alexandre negou com a cabeça e, após um breve silêncio, ordenou que colocassem naquela caixa a sua *Iliada*, da qual nunca se separava.

## 5

Nunca perdeu uma batalha. Enfrentou sempre como mais um, sem privilégios, as dificuldades da campanha. Apenas seis anos depois de suceder ao seu pai como rei da Macedónia, aos vinte e cinco anos, tinha derrotado o maior exército do seu tempo e tinha-se apoderado dos tesouros do Império Persa. Não era suficiente para ele. Avançou até ao mar Cáspio, atravessou os atuais Afeganistão, Turquemenistão e Uzbequistão, cruzou as passagens nevadas da cordilheira do Hindu Kush, e depois um deserto de areias movediças até ao rio Oxus, o atual Amu Dária. Seguiu em frente por regiões que nenhum grego tinha pisado antes (Samarcanda e o Punjab). Já não conseguia vitórias brilhantes, pois desgastava-se numa esgotante luta de guerrilhas.

A língua grega tem uma palavra para descrever a sua obsessão: *póthos*. É o desejo do ausente ou do inalcançável, um desejo que faz sofrer porque é impossível de acalmar. Nomeia o desassossego dos apaixonados não correspondidos e também a angústia do luto, quando sentimos a falta de uma maneira insuportável de uma pessoa morta. Alexandre não encontrava sossego no seu desejo de ir sempre mais além para fugir do aborrecimento e da mediocridade. Ainda não tinha feito trinta anos e começava a temer que o mundo não fosse suficientemente grande para ele. O que faria se um dia se acabassem os territórios por conquistar?

Aristóteles tinha-lhe ensinado que o extremo da Terra estava do outro lado das montanhas do Hindu Kush, e Alexandre queria chegar até aos últimos confins. A ideia de ver o limite do mundo atraía-o como um íman. Será que encontraria o grande Oceano Exterior do qual o seu mestre lhe tinha falado? Ou as águas do mar caíam em cascata sobre um abismo sem fundo? Ou o final seria invisível, uma névoa espessa e um fundo a tornar-se cada vez mais branco?

Mas os homens de Alexandre, doentes e mal-humorados, sob as chuvas da estação das monções, negaram-se a continuar a avançar pela Índia. Tinham-lhes chegado notícias de um enorme reino indiano desconhecido para além do Ganges. O mundo não dava sinais de acabar.

Um veterano falou em nome de todos: tinham percorrido milhares de quilómetros sob as ordens do seu jovem rei, massacrando pelo caminho pelo menos setecentos e cinquenta mil asiáticos. Tinham tido de enterrar os seus melhores amigos caídos em combate. Tinham suportado fomes, frios glaciares, sede e travessias pelo deserto. Muitos tinham morrido como cães nas valetas por doenças desconhecidas, ou tinham ficado horrivelmente mutilados. Os poucos que tinham sobrevivido já não dispunham das mesmas forças do que quando eram novos. Agora, os cavalos coxeavam com as patas doridas, e as carroças de abastecimento ficavam atoladas nos caminhos enlameados pela monção. Até as fivelas dos cintos estavam corroídas, e as rações apodreciam devido à humidade. Calçavam botas esburacadas há anos. Queriam voltar para casa, acariciar as suas mulheres e abraçar os seus filhos, que mal se deviam lembrar deles. Sentiam a falta da terra onde tinham nascido. Se Alexandre decidisse continuar com a sua expedição que não contasse com os seus macedónios.

Alexandre enfureceu-se e, como Aquiles no início da *Iliada*, retirou-se para a sua tenda entre ameaças. Começou uma luta psicológica. No início, os soldados ficaram em silêncio, depois atreveram-se a apupar o seu rei por ter perdido as estribeiras. Não estavam dispostos a deixarem-se humilhar depois de lhe terem oferecido os melhores anos das suas vidas.

A tensão durou dois dias. Depois, o formidável exército deu meia-volta, rumo à sua pátria. Alexandre, depois de tudo, perdeu uma batalha.

## O amigo macedónio

### 6

Ptolomeu foi companheiro de expedição e amigo íntimo de Alexandre. Pelas suas origens, não tinha a mais remota ligação com o Egito. Nascido numa família nobre mas sem brilho na Macedónia, nunca imaginou que um dia chegaria a ser faraó do rico país do Nilo, que pisou pela primeira vez com quase quarenta anos, sem conhecer a sua língua, costumes e complexa burocracia. Mas as conquistas de Alexandre e as suas enormes consequências foram uma dessas surpresas históricas que nenhum analista prevê, pelo menos antes de acontecerem.

Embora os macedónios fossem orgulhosos, sabiam que o resto do mundo considerava o seu país atávico, tribal e insignificante. No mosaico de estados independentes gregos estavam, sem dúvida, muitos degraus abaixo do *pedigree* dos atenienses ou dos espartanos. Mantinham a monarquia tradicional enquanto a maior parte das cidades-estado da Hélade tinha experimentado formas de governo mais sofisticadas e, para piorar a situação, falavam um dialeto que era difícil de compreender para os outros. Quando um dos seus reis quis competir nos Jogos Olímpicos, deram-lhe autorização depois de um cuidadoso escrutínio. Por outras palavras, admitiam-nos a contragosto como parte do clube grego. Para o resto do mundo, simplesmente não existiam. Naquela altura, o Oriente era o foco de civilização, bem iluminado pela História; e o Ocidente, o território escuro e selvagem onde viviam os bárbaros. No atlas das perceções e dos preconceitos geográficos, a Macedónia ocupava a periferia do mundo civilizado. Provavelmente, poucos egípcios sabiam situar no mapa a pátria do seu próximo rei.

Alexandre acabou com essa atitude de menosprezo. Foi uma personagem tão poderosa que todos os gregos o adotaram como seu. Na verdade, converteram-no num símbolo nacional. Quando a Grécia esteve submetida durante séculos ao domínio turco otomano, os gregos criaram lendas nas quais o grande herói Alexandre voltava à vida para libertar a sua pátria da opressão estrangeira.

Napoleão também ascendeu de provinciano corso a francês sem paliativos à medida que conquistava a Europa: o triunfo é um passaporte ao qual ninguém levanta objeções.

Ptolomeu sempre esteve muito perto de Alexandre. Escudeiro do príncipe na corte macedónica, acompanhou-o na sua meteórica campanha de conquistas, enquadrado no exclusivo regimento de cavalaria dos companheiros do rei, e foi um dos seus guarda-costas pessoais de confiança. Após o motim do Ganges, conheceu as dificuldades da viagem de regresso, que superaram as piores previsões: sofreram a agressão conjunta da malária, a disenteria, tigres, serpentes e insetos venenosos. Os povos rebeldes da região do Indo atacavam um exército exausto pelas marchas sob o húmido calor tropical. No inverno do regresso só restava um quarto dos efetivos que chegaram à Índia.

Após tantas vitórias, sofrimentos e mortes, a primavera de 324 a. C. foi agrídoce. Ptolomeu e as restantes tropas desfrutavam de um breve descanso na cidade de Susa, a sudeste do atual Irão, quando o imprevisível Alexandre decidiu fazer uma grandiosa festa que, surpreendentemente, incluía no programa um casamento coletivo para ele e para os seus oficiais. Nuns festejos espetaculares que duraram cinco dias, casou oitenta generais e pessoas chegadas com mulheres, ou mais provavelmente meninas, da aristocracia persa. Ele próprio acrescentou ao seu número de esposas — os seus costumes macedónicos permitiam a poligamia — a primogénita de Dario e outra mulher de um poderoso clã oriental. Num gesto encenado e muito calculado, estendeu as cerimónias à sua tropa. Dez mil soldados receberam um dote real por casarem com mulheres orientais. Foi um esforço para promover os casamentos mistos a uma escala que nunca mais se voltou a tentar. Na mente de Alexandre fervilhava a ideia de um império mestiço.

Ptolomeu também participou nos casamentos em massa de Susa. Correspondeu-lhe a filha de um rico sátrapa iraniano. Como a maior parte dos oficiais, talvez tivesse preferido uma condecoração pelos serviços prestados e cinco dias de folia sem complicações. Em geral, os homens de Alexandre não tinham o menor desejo de confraternizar, e muito menos de serem aparentados, com os persas, aos quais pouco tempo antes massacravam no campo de batalha. No novo império estavam a surgir tensões, que dentro de pouco tempo explodiriam, entre os nacionalismos e a fusão cultural.

Alexandre não teve tempo de impor a sua visão. Morreu no início do verão seguinte na Babilónia, com trinta e dois anos, atacado pela febre.

Enquanto dita as suas memórias em Alexandria, um idoso Ptolomeu com os traços de Anthony Hopkins confessa ao seu escriba o segredo que o persegue e atormenta: Alexandre não morreu por causas naturais. Ele próprio e outros oficiais envenenaram-no. O filme — *Alexander* (*Alexandre, o Grande*, na tradução portuguesa), de 2004, realizado por Oliver Stone — converte Ptolomeu num homem sombrio, um Macbeth grego, um guerreiro leal às ordens de Alexandre, e mais tarde no seu assassino. No fim da longa-metragem, a personagem arranca a máscara e descobre-se um rosto obscuro. Será que pode ter acontecido isto? Ou devemos pensar que Oliver Stone se aproxima aqui, como em *JFK*, das teorias da conspiração e do fascínio popular pelos líderes assassinados?

Provavelmente, os oficiais macedónios de Alexandre ficaram nervosos e ressentidos em 323 a. C. Naquela altura, a maior parte dos soldados do seu exército eram iranianos ou indianos. Alexandre estava a permitir a entrada de bárbaros até nos regimentos de elite, e estava a enobrecer alguns deles. Obcecado com a exaltação homérica da coragem, pretendia recrutar os melhores, à margem da sua origem étnica. Os seus antigos companheiros de armas achavam essa política ofensiva e detestável. Mas, seria motivo suficiente para quebrarem uma lealdade profunda e correrem o enorme perigo que implicava eliminar o seu rei?

Nunca saberemos ao certo se Alexandre foi assassinado ou se morreu devido a um processo infeccioso (como a malária ou uma simples gripe) que acabou com um corpo esgotado, gravemente ferido em nove sítios diferentes durante as suas campanhas e submetido a um excesso de esforço quase sobre-humano. Naquela época, a sua morte repentina converteu-se numa arma de arremesso que os sucessores do rei usaram sem escrúpulos na sua luta pelo poder, culpando-se uns aos outros pelo suposto magnicídio. O rumor do envenenamento espalhou-se rapidamente: era a versão dos factos mais impressionante e dramática. No meio da confusão de panfletos, acusações e interesses sucessórios, os historiadores não conseguem resolver o enigma, mas sim apenas valorizar os prós e os contras de cada hipótese.

A figura de Ptolomeu, amigo fiel ou talvez traidor, fica presa num território de penumbra.

## 8

Frodo e Sam, os dois *hobbits*, chegaram ao sinistro lugar das escadas de Cirith Ungol, nas montanhas ocidentais de Mordor. Para ultrapassarem o medo, conversam sobre a sua inesperada vida de aventuras. Tudo acontece perto do abrupto final de *As Duas Torres*, a segunda parte de *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien. Samwise, cujos maiores prazeres no mundo são uma refeição saborosa e uma grande história, diz: «Pergunto-me se algum dia apareceremos nas canções e nas lendas. Estamos envolvidos por uma, claro; mas quero dizer se a porão em palavras para contá-la ao pé do lume ou para lê-la num calhamaço com letras vermelhas e pretas, muitos, muitos anos depois. E as pessoas dirão: sim, é uma das minhas histórias preferidas.»

Era o sonho de Alexandre: ter uma lenda própria, entrar nos livros para permanecer na recordação. E conseguiu-o. A sua breve vida é um mito no Oriente e no Ocidente, o Corão e a Bíblia contribuíram para isso. Em Alexandria, durante os séculos posteriores à sua morte, foi-se construindo um relato fantástico sobre as suas viagens e aventuras, escrito em grego e depois traduzido para latim, para siríaco e para dezenas de línguas mais. Conhecemo-lo como *Romanço de Alexandre*, e chegou aos nossos dias com sucessivas variações e supressões. Delirante e disparatado, alguns estudiosos pensam que, à margem de certos textos religiosos, foi o livro mais lido no mundo pré-moderno.

No século II, os romanos acrescentaram ao seu nome a alcunha *Magno* («o Grande»). Pelo contrário, os seguidores de Zaratustra chamavam-lhe Alexandre, *o Maldito*. Nunca lhe perdoaram ter pegado fogo ao Palácio de Persépolis, onde ardeu a biblioteca do rei. Ali queimou-se, entre outros, o livro sagrado dos zoroastrianos, o Avestá, e os fiéis tiveram de reescrever a obra de cor.

Os claro-escuros e as contradições de Alexandre já se refletem nos historiadores do mundo antigo, que apresentam uma galeria de retratos diferentes. Arriano acha-o fascinante, Cúrcio Rufo descobre zonas de sombra. Plutarco não consegue resistir a um episódio emocionante, seja obscuro ou luminoso. Todos eles fantasiam. Deixam que a biografia de Alexandre deslize para a ficção, cedendo aos seus instintos de escritores que farejam uma grande história. Um viajante e geógrafo

da época romana disse, com ironia, que quem escreve sobre Alexandre prefere sempre o maravilhoso à verdade.

A visão dos historiadores contemporâneos depende do seu grau de idealismo e da época em que escrevem. No início do século xx, os heróis ainda gozavam de boa saúde; depois da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto, da bomba atômica e da descolonização, tornámo-nos mais céticos. Agora há autores que deitam Alexandre no divã e lhe diagnosticam megalomania furiosa, crueldade e indiferença para com as suas vítimas. Alguns compararam-no a Adolf Hitler. O debate continua, matizado por sensibilidades novas.

Surpreende-me e fascina-me que a cultura popular não o abandone como se fosse um fóssil de outros tempos. Nos lugares mais inesperados deparei-me com seguidores incondicionais de Alexandre capazes de desenhar num guardanapo um esboço rápido dos movimentos de tropas das suas grandes batalhas. A música do seu nome continua a soar. Caetano Veloso dedica-lhe «Alexandre» no seu disco *Livro*, enquanto os britânicos Iron Maiden chamaram «Alexander the Great» a um dos seus temas mais lendários. O fervor por esta peça de *heavy metal* é quase sagrado: a banda de Leyton nunca a interpreta ao vivo, e circula entre os fãs o rumor de que só soará no seu último concerto. Em quase todo o mundo, as pessoas continuam a chamar Alexandre aos seus filhos — ou Sikander, que é a versão árabe do nome —, em memória do guerreiro. Todos os anos se imprime a sua efígie em milhões de produtos que o autêntico Alexandre nem sequer saberia usar, como *t-shirts*, gravatas, capas de telemóvel ou videojogos.

Alexandre, o caçador da imortalidade, irradiou a lenda com que sonhava. Contudo, se me perguntarem — como dizia Tolkien — qual é a minha história preferida para contar junto ao lume, não escolheria as vitórias nem as viagens, mas sim a extraordinária aventura da Biblioteca de Alexandria.

«O rei morreu», apontou na sua tabuinha astrológica um escriba babilónio. O documento chegou quase intacto até nós por acaso. Era o dia 10 de junho do ano 323 a. C., e não era preciso ler as linhas das

estrelas para adivinhar que começavam tempos perigosos. Alexandre deixava dois herdeiros frágeis: um meio-irmão que todos consideravam bastante idiota e um filho ainda não nascido na barriga de Roxana, uma das suas três esposas. O escriba babilônio, instruído em história e nos mecanismos da monarquia, talvez refletisse, naquela tarde carregada de augúrios, sobre o caos das sucessões que desencadeiam guerras confusas e cruéis. Era isso que, naquela altura, muita gente temia e foi exatamente o que aconteceu.

O banho de sangue começou depressa. Roxana assassinou as outras duas viúvas de Alexandre para se assegurar de que o seu filho não teria concorrentes. Os generais macedônios mais poderosos declararam guerra uns aos outros. Ao longo dos anos, numa metódica carnificina, iriam matando todos os membros da família real: o meio-irmão, a mãe de Alexandre, a sua mulher Roxana e o seu filho, que não chegou a fazer doze anos. Entretanto, o império desintegrava-se. Seleuco, um dos oficiais de Alexandre, vendeu os territórios conquistados na Índia a um caudilho nativo pelo inacreditável preço de quinhentos elefantes de guerra, que utilizou para continuar a lutar contra os seus rivais macedônios. Exércitos de mercenários ofereceram-se durante décadas ao melhor licitador. Depois de anos de combates, ferocidade, vinganças e muitas vidas ceifadas, ficaram três senhores da guerra: Seleuco, na Ásia; Antígono, na Macedónia, e Ptolomeu, no Egito. De todos eles, Ptolomeu foi o único que não teve uma morte violenta.

Ptolomeu instalou-se no Egito, onde passaria o resto da sua vida. Durante décadas lutou com unhas e dentes contra os seus antigos companheiros para se manter no trono. E, nos momentos de pausa que as guerras civis entre macedônios lhe deixavam, tentava conhecer o imenso país que estava a governar. Tudo ali era surpreendente: as pirâmides; as íbis; as tempestades de areia; as ondas de dunas; o galope dos camelos; os estranhos deuses com cabeça de animal; os eunucos; as perucas e as cabeças rapadas; as enchentes humanas nos dias de festa; os gatos sagrados, que era crime matar; os hieróglifos; as cerimónias palacianas; os templos à escala sobre-humana; o enorme poder dos sacerdotes; o negro e lamacento Nilo a arrastar-se pelo seu delta rumo ao mar; os crocodilos; as planícies onde as abundantes colheitas se alimentam dos ossos dos mortos; a cerveja; os hipopótamos; o deserto, onde nada permanece a salvo do tempo destruidor;



o embalsamamento; as múmias; a vida ritualizada; o amor pelo passado; o culto da morte.

Ptolomeu deve ter-se sentido desorientado, confuso, isolado. Não percebia a língua egípcia, era desajeitado nas cerimónias e tinha a suspeita de que os cortesãos se riam dele. Contudo, tinha aprendido com Alexandre a comportar-se com atrevimento. Se não conseguires entender os símbolos, inventa outros. Se o Egito te desafia com a sua antiguidade fabulosa, transfere a capital para Alexandria — a única cidade sem passado — e converte-a no centro mais importante de todo o Mediterrâneo. Se os teus súbditos desconfiam das novidades, faz com que toda a audácia do pensamento e da ciência confluam no seu território.

Ptolomeu destinou grandes riquezas para a construção do Museu e da Biblioteca de Alexandria.

### Equilíbrio à beira do abismo: a Biblioteca e o Museu de Alexandria

#### 10

Embora não exista informação a esse respeito, atrevo-me a imaginar que a ideia de criar uma biblioteca universal tenha nascido na mente de Alexandre. O plano tem as dimensões da sua ambição, leva a marca da sua sede de totalidade. «Considero a Terra», proclamou Alexandre num dos primeiros decretos que promulgou, «como minha». Reunir todos os livros existentes é outra forma — simbólica, mental, pacífica — de possuir o mundo.

A paixão do colecionador de livros é parecida com a do viajante. Toda a biblioteca é uma viagem; todo o livro é um passaporte sem data de caducidade. Alexandre percorreu as rotas de África e da Ásia sem se separar do seu exemplar da *Ilíada*, ao qual recorria, segundo dizem os historiadores, em busca de conselhos e para alimentar o seu afã de transcendência. A leitura, como uma bússola, abria-lhe os caminhos do desconhecido.

Num mundo caótico, adquirir livros é um ato de equilíbrio à beira do abismo. Walter Benjamin, no seu esplêndido ensaio intitulado

*Desempacotando a minha biblioteca*, chega a esta conclusão. «Renovar o velho mundo: este é o desejo mais profundo do colecionador quando se vê impelido a adquirir coisas novas», escreve Benjamin. A Biblioteca de Alexandria era uma enciclopédia mágica que congregou o saber e as ficções da Antiguidade para impedir a sua dispersão e a sua perda. Mas também foi concebida como um espaço novo, do qual partiriam as rotas para o futuro.

As bibliotecas anteriores eram privadas e estavam especializadas nas matérias úteis para os seus donos. Até as que pertenciam a escolas ou grupos profissionais amplos eram apenas um instrumento ao serviço das suas necessidades particulares. A antecessora que mais se aproximou à Biblioteca de Alexandria — a biblioteca de Assurbanipal em Nínive, no norte do atual Iraque — destinava-se ao uso do rei. A Biblioteca de Alexandria, variada e completíssima, englobava livros de todos os temas, escritos em todos os cantos da geografia conhecida. As suas portas estavam abertas a todas as pessoas ávidas de saber, aos estudiosos de qualquer nacionalidade e a todo aquele que tivesse aspirações literárias provadas. Foi a primeira biblioteca da sua espécie e a que mais perto esteve de possuir todos os livros que existiam naquela altura.

Para além do mais, aproximou-se do ideal mestiço do império com que Alexandre sonhava. O jovem rei, que casou com três mulheres estrangeiras e teve filhos semibárbaros, planeava, segundo conta o historiador Diodoro Siluco, transferir a população da Europa para a Ásia, e vice-versa, para construir uma comunidade de amizade e ligações familiares entre os continentes. A sua súbita morte não lhe permitiu realizar este projeto de deportações, curiosa mistura de violência e desejos fraternais.

A Biblioteca abriu-se à medida da amplitude do mundo. Incluiu as obras mais importantes de outras línguas traduzidas para grego. Um tratadista bizantino escreveu sobre aquele tempo: «Recrutaram-se de cada povo sábios, os quais, para além de dominarem a sua própria língua, conheciam lindamente o grego; foram confiados a cada grupo os seus respetivos textos, e assim, de todos, se preparou uma tradução.» Ali se elaborou a conhecida versão grega da Torá judia conhecida como a Bíblia dos Setenta. A tradução dos textos iranianos atribuídos a Zaratustra, de mais de dois milhões de versos, dois séculos depois ainda era conhecida como um trabalho memorável. Um

sacerdote egípcio chamado Manetão compôs para a Biblioteca uma lista das dinastias faraônicas e das suas façanhas desde tempos míticos até à conquista de Alexandre. Para escrever esse compêndio da história egípcia em língua grega, procurou, consultou e extraiu documentos originais conservados em dezenas de templos. Outro sacerdote bilíngue, Beroso, conhecedor da literatura cuneiforme, traduziu para grego as tradições babilônicas. Também existia na Biblioteca um tratado sobre a Índia, que escreveu, baseando-se em fontes locais, um embaixador grego da corte de Pataliputra, cidade do nordeste da Índia situada na margem do Ganges. Nunca antes se tinha começado um trabalho de tradução dessa envergadura.

A Biblioteca tornou realidade a melhor parte do sonho de Alexandre: a sua universalidade, o seu afã de conhecimento, o seu incomum desejo de fusão. Nas prateleiras de Alexandria foram abolidas as fronteiras, e ali conviveram, por fim calmamente, as palavras dos gregos, dos judeus, dos egípcios, dos iranianos e dos indianos. Talvez esse território mental tenha sido o único espaço acolhedor para todos eles.

## 11

Borges também estava enfeitiçado pela ideia de abraçar a totalidade dos livros. O seu conto *A Biblioteca de Babel* faz-nos mergulhar numa biblioteca prodigiosa, no labirinto completo de todos os sonhos e palavras. No entanto, percebemos de imediato que é um lugar inquietante. Ali vemos como as nossas fantasias se tingem de pesadelo, transformadas em oráculo dos medos contemporâneos.

O universo (que outros chamam a Biblioteca), diz Borges, é uma espécie de colmeia monstruosa que existe desde sempre. É composto por intermináveis galerias hexagonais idênticas comunicadas por escadas em espiral. Em cada hexágono encontramos candeeiros, prateleiras e livros. À direita e esquerda do patamar há dois cubículos, um serve para dormir de pé e o outro é o urinol. Todas as necessidades se reduzem a isso: luz, leitura e latrinas. Nos corredores vivem funcionários estranhos que o narrador, um deles, define como bibliotecários imperfeitos. Cada um está a cargo de um determinado número de galerias do infinito circuito geométrico.